

RECENSÕES

Traverso, Enzo (2018), *Melancolia de esquerda: marxismo, história e memória*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 487 pp. Tradução de André Bezamat

Este ensaio de matiz benjaminiano prospecta modos de sentir da esquerda. Não se trata de um rótulo da obra do historiador italiano Enzo Traverso mas, em poucas palavras, talvez de um horizonte do que o livro – dividido em sete capítulos mais uma introdução – apresenta. Publicado em 2018, não faz um diagnóstico das derrotas da esquerda, sendo antes um esboço de elaboração de uma história intelectual – segundo explicação do próprio autor em entrevista recente.¹

Traverso, reunindo diversos artigos seus, demarca desde o prefácio que a mira do trabalho se posiciona para a dimensão melancólica da cultura de esquerda no século XX, entendendo-as (a cultura e a esquerda) como articulações complexas de experiências, utopias, paixões e ideologias, sendo o marxismo o melhor exemplo do que se construiu como uma hegemonia das lutas pelas transformações do mundo nos últimos dois séculos.

É da memória que a obra fala, aquele tecido – ora farrapo, ora nobre linha – que reveste o tempo e por ele é colocado em camadas, de onde as disputas por sentidos e interpretações são lugar-chave. Bordada pela temporalidade e pela insubmissão, a memória das lutas revolucionárias – ainda inseridas de modo controverso em muitos livros de história – aparece no livro prenhe de sentimento melancólico, não enquanto lamento, mas enquanto

percepção dos derrotados no processo de rememoração (*Eingedenken*). A melancolia, resgatando a perspectiva de Benjamin, encarna assim o movimento de releitura da história, catástrofe em deslocamento que não é linearidade e progresso, mas embate constante entre subjugados e dominantes. Mapear a cultura de esquerda significa a forja de uma crítica melancólica, sobretudo após 1989 e com suas derrotas em efeito dominó, num equilíbrio precário entre memória e história (p. 49). Nos últimos 30 anos tem havido mais possibilidades de identificação da melancolia como elaboração política fecunda, por dois motivos retroalimentados: o capitalismo encontrou trilhas na cultura, no Estado, no trabalho, que reafirmam sua capacidade de vencer quase sem cessar; a esquerda socialista assumiu cada vez mais a imagem de um animal taxidermizado, vivo por fora e morto internamente.

As operações narrativas realizadas ao longo da obra, ainda que em materiais produzidos separadamente, estabelecem conexões coerentes entre seus compartimentos, principalmente pela perspectiva da dialética benjaminiana que reivindica o ensaio enquanto síntese, exatamente por sua condição de crítica livre. Obviamente, não se trata de uma construção não acadêmica, mas sim de uma zona de fronteira fina entre pesquisa e cotidiano, escrita literária e análise científica, que encontra no

¹ Disponível em <https://epoca.globo.com/enzo-traverso-quando-esquerda-falha-os-lideres-demagogos-aparecem-procura-de-um-bode-expiatorio-23288470> (consultado a 24.12.2019).

filósofo alemão um suporte que é filosófico e também estético.

Traverso depura a melancolia de qualquer caráter de apatia e imobilidade, entendendo-a tanto como uma recusa do compromisso com a hegemonia (pp. 117-118) quanto um prisma de apreensão do desenvolvimento histórico. Com este filtro adaptado à esquerda e seus dramas, retira da condição de totem tanto Marx quanto a Escola de Frankfurt; coloca no divã os lutos vividos marginalmente e a *boemia* em suas metamorfoses e intérpretes (Trótski, Benjamin, os surrealistas, Marx, etc.); enfatiza o vigor do movimento anarquista, sujeito revolucionário formador do século xx e ainda ausente de muitas prateleiras históricas da esquerda; revisita o cinema para auscultar a arte e chegar à tensão entre comunismo, utopias derrotadas, lugares de memória e representação, através da decupagem de obras de Moretti, Pontecorvo, Eisenstein, Loach, Angelopoulos e Guzmán.

Num contexto global de incremento do fascismo, como são exemplos trágicos a Itália, Polônia, Brasil, Hungria e Chile, com diversos reveses da esquerda – sendo o Brexit um exemplo pedagógico –, *Melancolia de esquerda* demarca, como Benjamin o fez, uma modalidade de “freio de emergência”. Este deveria ser a antesala de qualquer reorganização das forças anticapitalistas de hoje, qualquer que seja a assunção crítica dos erros,² através de um processo melancólico que redime exactamente porque politiza espaços de experiência coletivos e horizontes de mudança. A obra de Traverso dialoga com a de Michael Löwy e Robert Sayre, publicada três anos antes³ – inclusive a dedicatória

do intelectual italiano é precisamente para Löwy. Estes sociólogos recuperam a crítica do romantismo e reivindicam-na para a atualidade, debatendo grandes nomes do pensamento social ocidental. Enquanto expressão da revolução e também da melancolia, o romantismo permanece no tempo como espírito, por sua crítica da modernidade capitalista e da destruição das subjetividades e liberdades. A melancolia, a revolução e a memória constituem, sob a perspectiva da comparação, uma trína que dialoga os dois livros, ambos preocupados sobremaneira com as lutas históricas perdidas, aquelas em disputa e as vindouras, numa temporalização-estratégia, logo, negando o *continuum*. Professor da Universidade Cornell, em Nova York, e arguto analista de fenômenos europeus, notadamente do fascismo/nazismo e do Holocausto, Traverso triangula a análise benjaminiana com o – ainda assim denominado – Terceiro Mundo, sobretudo a América e a Ásia pós-coloniais. Da conversa original que projetou entre Theodor W. Adorno e C. L. R. James, o autor concorda com o segundo em relação ao diagnóstico da modernidade mais funcional às lutas subalternas, dos vencidos da periferia do mundo moderno-colonial-capitalista. Sua recuperação da abordagem de James acerca dos vínculos orgânicos entre colonialismo e fascismo, tendo a violência como diapasão, indica claramente como Traverso percebe os desafios da história a contrapelo na hora mais drástica de nossa sociabilidade destrutiva, quando neofascismo e ultroliberalismo amalgamam oprimidos e opressores de uma forma que daria inveja aos totalitarismos da primeira metade do século xx.

² No Brasil o termo *autocrítica* (no caso, da esquerda) tem gerado inúmeros debates, a maioria despolitizados sob a defesa de que é uma ação que não cabe na conjuntura atual.

³ Löwy, Michael; Sayre, Robert (2015), *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 288 pp.

Outros encontros nascem da narrativa traversiana, como o já consagrado conexão político-filosófico Adorno-Benjamin e o menos conhecido Bensaïd-Benjamin. Em suas letras, o *marxismo clássico* de Lênin, Rosa e Trótski coincide com o *marxismo negro* de Du Bois, Césaire, James e Williams, que por sua vez coexiste no “laboratório” de Traverso com o *marxismo ocidental* de Gramsci, Adorno, Marcuse e Benjamin. Derrotadas em inúmeros processos, estas matrizes nascidas das cinzas da década de 1930 ou das lutas coloniais, dos campos de concentração nazistas ou dos *gulags*, têm se encontrado na Universidade, terreno onde o

pensamento crítico se ancorou e construiu novas possibilidades epistemológicas e políticas (p. 370). A melancolia – obviamente também presente no mundo acadêmico – é uma das “ligas” inadiáveis que as instituições universitárias, os movimentos sociais, as insubordinações subalternas e as derrotas políticas podem gerir e gerar, sob expectativa de todos os mortos que marcam presença na memória e nos planos dos vivos.

Eduardo Rebuá

Revisto por Ana Sofia Veloso
e Alina Timóteo

Gago, Verónica (2018), *A razão neoliberal: economias barrocas e pragmática popular*. São Paulo: Editora Elefante, 367 pp. Tradução de Igor Peres

Neoliberalismo, política dos governados e precariedades: o caso de La Salada a partir de Verónica Gago

A obra da cientista social argentina Verónica Gago é apresentada ao público, em especial ao latino-americano, em um momento muito feliz para a compreensão dos desafios políticos, teóricos e metodológicos das mutações que estamos atravessando em grandes cidades latino-americanas, nas relações laborais e nas dinâmicas de gênero.

O livro surge a partir de uma pesquisa qualitativa em La Salada, um espaço de comércio popular em Buenos Aires, conhecido como “a maior feira ilegal da América Latina” (p. 37), fundado por bolivianos na década de 1990. Impulsionada a partir da crise argentina de 2001, paralelamente, Gago analisa a *villa* 1-11-14, noticiada como o bairro mais perigoso de Buenos Aires,¹ e também aborda as chamadas Oficinas

(ateliers têxteis e minifábricas de roupas – com uma média de cinco trabalhadores –, cujo número ultrapassa os 5000 em Buenos Aires). Ao leitor que desconhece La Salada bastará fazer uma breve busca na internet para ficar com noção do gigantismo bem como dos impactos e demais características da configuração socioespacial do local. Na obra de Gago, La Salada, a *villa* e as Oficinas integram uma trama que propõe pensar a cidade como heterogênea, desprovida de uma ordem única, onde se pensa o trabalho, o consumo e o comunitário através do desenvolvimento de uma sociedade neoliberal a partir não só dos governos, mas também dos governados. Gago consegue apresentar uma análise com nós desatados a partir de uma rigorosa e eficaz metodologia, sem deixar a

¹ Ver https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/08/internacional/1428515768_851996.html (consultado a 24.12.2019).